

8.03.05 - Artes / Teatro.

A MÁSCARA E O ATOR

Blenda Emanuelle da Trindade¹, Maria de Fátima de Souza Moretti²

1. Estudante de IC da Universidade Federal de Santa Catarina

2. ART-UFSC - Departamento de Artes / Orientador

Resumo:

Este trabalho apresenta uma pesquisa do treinamento, da confecção e criação e do uso estético da máscara larvária. Baseia-se no método Sartori de criação e confecção de máscaras para originar as atividades com o objeto. Parte da metodologia lecoquiana para desenvolver um processo de criação de personagens a partir da larvária e aborda elementos de estudo na montagem do espetáculo *Pegando do Resto* - do qual resulta esta pesquisa. Este espetáculo, que é um anagrama da obra de Becket, *Esperando Godot*, toma-a como ponto de partida, juntamente com a confecção e uso das máscaras para a sua idealização e apresentação ao público. O resultado é um espetáculo acessível e abrangente, baseado fortemente na arte do ator, como propunha o pedagogo Jacques Lecoq.

Palavras-chave: Larvárias; Esperando Godot; Metodologia.

Apoio financeiro: PIBIC/CNPq / UFSC.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UFSC.

Introdução:

A máscara é a essência deste trabalho. É não só objeto, mas o corpo, a forma e o movimento. É a alteração do rosto, do espaço e do ator. O termo “mascarar” é compreendido como disfarce, assim como o ato de usar uma máscara é familiar a toda a humanidade. Ao mesmo tempo, é um adereço que cobre o rosto e descobre o corpo do ator fazendo com que se vejam todos os seus movimentos e intenções (FO, 1998, p. 65-6).

Segundo Ribeiro (2016), a máscara é, ao mesmo tempo, a mais primitiva e mais contemporânea das formas teatrais. É um objeto que propicia o abandono das características físicas do rosto, compensando a falta de expressão facial com o corpo, ampliando assim, a personagem através dos movimentos.

As larvárias são o maior exemplo da capacidade expressiva da máscara. Ao cobrir toda a face, inibe não só a expressão, mas também a fala. O conceito de larvária vem do fato dessa máscara ser um tipo inacabado, ainda no seu estado larval, que auxilia na descoberta do mundo, pois sendo um ser quase recém-formado, possibilita que o ator ou a atriz explore um mundo novo de possibilidades.

As máscaras larvárias foram encontradas por Lecoq (2010) na década de 60 no carnaval da Basileia e, desde então, integram a sua pedagogia na Escola L'École Internationale de Théâtre Jacques Lecoq, onde atores e não atores experimentam técnicas de mimo e do teatro físico, além de passar por uma formação através de sete tipos de máscaras, na qual a larvária é usada apenas no treinamento. Ao remover essa máscara de sua função original, desenvolvemos uma metodologia de criação, confecção, uso e linguagem que vai além do exercício em sala de aula - devido as suas possibilidades cênico-expressivas. Propusemos com este projeto, além do uso pedagógico, uma maneira de explorar tanto a linguagem quanto a dramaturgia.

Para orientação dramaturgica da montagem foi escolhido o texto *Esperando Godot* de Beckett (2017) que é considerado o marco inicial do teatro do absurdo - estética teatral do final da década de 50 condizente com as máscaras larvárias.

Por meio deste espetáculo se difunde a linguagem da máscara e, através deste trabalho, viso disseminar esta metodologia do uso da larvária e seus desdobramentos.

Metodologia:

O desenvolvimento do trabalho se deu no estudo, criação e utilização da máscara larvária, bem como no levantamento de referenciais teóricos que pudessem contribuir para a elaboração de exercícios práticos visando à construção de um espetáculo que solidificasse o uso dessa máscara. O trabalho iniciou com a confecção das máscaras a serem utilizadas tanto na pesquisa quanto na criação do espetáculo. O processo de criação das larvárias fundamenta-se no método da Família Sartori (Pizzi; Sartori, 2008): a criação tem início no papel, onde o escultor desenha a máscara, depois passa para um molde em argila para ser esculpida levando em consideração as dimensões dos rostos dos atores. Com o molde pronto, faz-se um negativo em gesso conservando todos os detalhes da escultura. Do gesso, a máscara volta a ser papel, desta vez tomando a tridimensionalidade impressa no molde negativo. Após o processo de *papietagem* (colagem de papel), retira-se a máscara da sua forma e dá-se o acabamento que é feito com massa corrida e tinta branca.

O processo de criação e confecção da máscara pelo ator faz com que ele se relacione mais fortemente com a sua utilização em cena. É criada uma relação de respeito mostrando que este não é somente um objeto, mas sim algo que foi criado e desenvolvido por suas próprias mãos: a vida que este ator dará ao objeto inanimado se inicia e acaba no papel, completando um ciclo.

A pesquisa teórica foi fundamentada nos encenadores e pedagogos vanguardistas para a criação de

exercícios de treinamento do ator. Com a proposta de desenvolver uma metodologia de criação de personagens através da utilização de máscaras larvárias, este estudo foi embasado em Lecoq (2010), Craig (1963) e Barba (2012) - pedagogos/encenadores que visam a essência do ator em cena e do puro movimento. No entanto, os registros acerca do treinamento com a larvária são escassos, portanto os exercícios elaborados foram testados em diferentes atores e avaliados tanto pelos aplicadores quanto pelos atores. As máscaras larvárias servem não só para treinar as potencialidades corporais do ator, mas também para instigar a criatividade cênica. Uma larvária vê o mundo sempre pela primeira vez, o que possibilita ao ator redescobrir todas as coisas. Sendo assim, é uma máscara que propicia o jogo e a cena.

Com o objetivo de atestar a funcionalidade do jogo, optou-se por concretizar uma encenação a partir da adaptação da obra *Esperando Godot* de Becket (2017) em que as falas e acontecimentos foram transformados em ações, e principalmente, a personagem que dá nome a obra é transformada em um local no espaço.

O texto trata do tempo, da vida, da espera e da esperança num período pós-guerra repleto de desolação e sofrimento. É situado em um momento da história em que todas as teorias que explicavam o mundo e a existência estavam se encaminhando para um empate por afogamento de rei em um tabuleiro de xadrez com sete bilhões de peças. Período na história teatral chamado de absurdo (WEBB, 2012, p. 15).

Resultados e Discussão:

Os resultados desta pesquisa incluem todos os itens que compõem a construção do espetáculo: treinamento, criação e confecção de máscaras, estudo e adaptação do texto e criação das personagens.

O principal resultado desta pesquisa e deste espetáculo é a metamorfose da máscara larvária, pois apesar das personagens terem sido criadas para o texto dramático e possuírem características construídas para tal, mantém a inocência de uma larvária que vê o mundo pela primeira vez todos os dias. O treinamento foi aplicado em dez atores e age diferente em cada um. Uns buscam a liberdade criativa, outros a habilidade de esconder-se atrás da máscara ou ainda, perseguem a infinidade de propostas de jogo, mas são poucos os que não respondem à máscara larvária em nenhum dos quesitos que ela propõe.

Segundo Lecoq (2010, p. 96), as máscaras larvárias não chegam a se definir em um rosto humano e geralmente possuem um nariz que redige toda a face. Foram criadas e confeccionadas onze máscaras baseadas no método da família Sartori (Pizzi; Sartori, 2008) a serem utilizadas tanto na pesquisa de jogo quanto na construção do espetáculo. Na imagem abaixo (figura 1), encontra-se a máscara escolhida para a personagem Vladimir.



Figura 1. Máscara de Vladimir

As máscaras larvárias inibem a fala do ator, portanto, a montagem de um texto dramático e verborrágico em um espetáculo sem falas foi um processo atribulado. Através do método de análise ativa de Stanislavski documentado pela Dra. Nair Dagostini (2007), foram estudadas as intenções de todas as cenas para iniciar o processo de montagem das mesmas. A criação das cenas se deu através de exercícios de improvisação com a máscara para desenvolvimentos das ações.

O espetáculo é composto por quatro larvárias-personagens e duas larvárias puras. As personagens dão conta do enredo de *Esperando Godot* e as outras, de preparar o espaço cênico – dispor os objetos em cena, bem como apresentar e finalizar o espetáculo. Cada uma das personagens foi criada a partir das características que o texto base oferece. Conscientes da personalidade delas, foi possível escolher uma máscara para lhes representar. Estragon, Vladimir, Pozzo e Lucky pertencem ao texto dramático, todavia não são personagens simples ou comuns, não são heróis nem são vilões, eles representam alguns arquétipos sociais (WEBB, 2012, p. 32).

Segundo Webb (2012), as personagens “Vladimir e Estragon, representando uma espécie de Everyman composto, encarnam aspectos complementares da natureza humana: Vladimir, o lado intelectual do

homem; Estragon, o corpóreo” (p. 32). Do mesmo modo, Pozzo e Lucky representam outros aspectos, como por exemplo, a relação do explorador com o explorado.

Diferente das quatro personagens criadas para a dramaturgia do texto, as duas larvárias não possuem um histórico ou quaisquer experiência anterior à cena, elas possuem apenas um direcionamento: organizar o espaço cênico. As larvárias podem ser observadas apresentando o espetáculo na imagem a seguir (figura 2):



Figura 2. Larvárias de *Pegando do Resto*

Sua criação serve para exemplificar em um mesmo espetáculo a diferença entre uma larvária pura e uma larvária-personagem, apresentando de forma prática, o que desejo chamar de metamorfose larvária.

Conclusões:

A vontade de desenvolver este projeto e montar um espetáculo com as larvárias vem das infinitas possibilidades criativas e da capacidade de abranger todo o tipo de questões que estas máscaras possuem. Constatamos que a pedagogia lecoquiana e o uso de máscaras larvárias podem ser muito eficientes para alguns atores no sentido de criação e desenvolvimento de personagens e, para outros, prende cada vez mais nas características pré-estabelecidas das personagens - não importando se utilizam máscaras ou não, pois não se sentem influenciados.

Conceber esta pesquisa e este espetáculo nos proporcionou diversas experiências que nos engrandecem enquanto estudiosos e, ao mesmo tempo, nos mostram que temos um caminho infinito a percorrer. Através do pretexto de *Esperando Godot*, nossos sentidos foram ampliados para além de nossos corpos e nossas bolhas sociais, pois assim como a larvária, o texto tem uma grande propriedade de abrangência e identificação.

A importância de ter um trabalho artístico sendo reconhecido como pesquisa científica é imensurável, pois esta obra foi resultado de muito ensaio, estudo e acima de tudo muita pesquisa. Atingir as pessoas é a vontade que se alicerça neste trabalho. Compreendemos que contar sem dizer é um caminho labiríntico, mas sabemos que aqueles que precisarem transcender seus olhares, compreenderão nossas não-palavras.

Referências bibliográficas

BARBA, Eugênio; SAVARESE, Nicola. **A Arte Secreta do Ator**: Um dicionário de antropologia teatral. International School of Theater Anthropology (ISTA). Editora Realizações Editora, Livraria e Distribuidora LTDA. São Paulo/SP, 2012.

BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. Tradução de Renato Ciacci. Disponível em: <<https://comumlugar.files.wordpress.com/2008/07/samuel-beckett-esperando-godot.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

CRAIG, Edward Gordon. **Da arte do teatro**. Lisboa: Arcádia, 1963.

DAGOSTNI, Nair. **O método de análise ativa de K. Stanislavski como base para a leitura do texto e da criação do espetáculo pelo diretor e ator**. Tese (Doutorado em Literatura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007.

FO, Dario. **Manual Mínimo do Ator**. São Paulo: SENAC, 1998.

LECOQ, J. **O corpo poético**: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: Senac, 2010.

PIZZI, Paola; SARTORI, Donato. **A máscara teatral na arte dos Sartori** - da commedia dell'arte ao mascaramento urbano. Rio de Janeiro: Instituto Italiano de Cultura, 2008.

RIBEIRO, Almir. **Gordon Craig**: a pedagogia do uber-marionete. São Paulo: Giostri, 2016.

WEBB, Eugene. **As peças de Samuel Beckett**. É Realizações. São Paulo, 2012.